

## Merleau-Ponty e a história

Salma Tannus Muchail – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*A Claude Imbert, em homenagem*

### RESUMO

O artigo trata das relações da filosofia com a história ou com a sociologia no âmbito mais amplo das relações entre a filosofia e as ciências humanas. Aborda-se a noção merleau-pontyana de história; depois, são feitas breves considerações sobre Merleau-Ponty filósofo.

Palavras-chave: Filosofia. História. Merleau-Ponty.

### ABSTRACT

The article deals with relations with the history of philosophy or sociology to within broader relations between the philosophy and humanities. It is the Merleau-Ponty notions of history, then brief consideration of Merleau-Ponty philosopher.

Keywords: Philosophy. History. Merleau-Ponty.

*“Diante de um filósofo, cujo empreendimento despertou tantos ecos [...], toda comemoração é também traição, seja porque lhe prestamos a homenagem supérflua de nossos pensamentos [...], seja porque, ao contrário, com um respeito cheio de distância, o reduzimos muito estritamente ao que ele próprio quis e disse”.*

M. Merleau-Ponty “O Filósofo e sua sombra”

O texto em epígrafe, que é de Merleau-Ponty a respeito de Husserl, datado de 1959 (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 201-228), presta-se a nós hoje, a respeito do próprio Merleau-Ponty. Sob o risco da traição, nós o estamos comemorando. Cem anos se passaram, lembrava o Prof. Edgard de Assis Carvalho, em sua conferência de abertura, desde que nasciam, na França, Merleau-Ponty, Levy-Strauss, Simone

de Beauvoir, no mesmo ano em que no Brasil morria Machado de Assis, e para fazer-lhe par na literatura, acrescentemos, nascia também Guimarães Rosa. Merleau-Ponty está, dizia então o Prof. Edgard, entre estes “pensadores fulgurantes, cujas obras terão muito a dizer para a nossa geração e as gerações futuras”<sup>1</sup>.

O título que escolhi para a exposição de encerramento desta comemoração – “Merleau-Ponty e a história” – parafraseia o estudo sobre Husserl, intitulado “O filósofo e a sociologia” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 123-142). As substituições operadas na paráfrase se justificam. Passar da questão da sociologia à da história está, por assim dizer, autorizado pelo próprio Merleau-Ponty que, quase sempre, ao tratar de uma aborda a outra, realizando transposições do conceito de sociologia ao de história<sup>2</sup>, usando exemplos iguais para referir-se ora a uma ora a outra<sup>3</sup>, fazendo-as convergir em expressões como “o mundo sócio-histórico” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 155) ou “a experiência histórica da relação social” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 129). Na verdade, devemos compreender as questões sobre as relações da filosofia com a história ou com a sociologia no âmbito mais amplo das relações entre a filosofia e as ciências humanas. Quanto à troca da expressão indeterminada “o filósofo” por um nome próprio – Merleau-Ponty – encontra justificativa, a meu ver, na concepção de Merleau-Ponty acerca das relações entre o leitor-historiador da filosofia e o filósofo lido: o leitor faz ao mesmo tempo história da filosofia e filosofia, tornando-se, ele próprio, filósofo. Isto significa que, entre aquelas duas modalidades de “traição”, entre “a homenagem supérflua de nossos pensamentos” e “um respeito cheio de distância”, ou como prossegue Merleau-Ponty, “entre uma história ‘objetiva’ da filosofia, que mutilaria os grandes filósofos

- 1 Homenageados Merleau-Ponty e Lévy-Strauss, lembramos aqui algumas referências explícitas às relações entre ambos. Da parte de Lévy-Strauss, é conhecida a dedicatória de *La Pensée Sauvage* ao amigo. Da parte de Merleau-Ponty, é conhecido o texto “De Mauss à Claude Lévy-Strauss”. Outras referências de Merleau-Ponty a Lévy-Strauss estão incluídas no volume *Parcours deux* (2000): sua participação como debatedor em uma exposição feita por Lévy-Strauss (1956), “Sur les rapports entre la mythologie et le rituel” (p. 171-173); sua entrevista (1958) a Madeleine Chapsal, “Les écrivains em personne” (p. 285-301, especialmente p. 288-289); o resumo de sua conferência (1961) no “Colloque sur le mot ‘structure’” (p. 317-319).
- 2 Veja-se, por exemplo, no texto “Le philosophe et la sociologie” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 133; p. 136), a transposição do conceito de sociologia na questão da relação entre filosofia e história.
- 3 No texto “Le Métaphysique dans l’homme” (MERLEAU-PONTY, 1965, p. 145-172), que trata separadamente da sociologia e da história, Merleau-Ponty insere um exemplo extraído da sociologia para ilustrar o caso da história. O mesmo exemplo ilustra diretamente o caso da história no Curso de 1951-1952, *Les Sciences de l’homme et la phénoménologie* (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 49-128).

naquilo que deram aos outros para pensar, e uma meditação disfarçada de diálogo, onde colocaríamos as questões e daríamos as respostas, deve haver um espaço onde o filósofo de que se fala e aquele que fala estejam presentes juntos, embora, de direito, seja impossível repartir a cada momento o que é de cada um” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 202-203). Dito mais simplesmente: difícil distinguir onde um termina e o outro começa. Assim, “o filósofo” de que Merleau-Ponty fala é também “Merleau-Ponty”.

Os dois segmentos do título comandam a organização desta exposição. Primeiramente, algumas retomadas da noção merleau-pontyana de história; depois, breves considerações sobre Merleau-Ponty filósofo.

## A HISTÓRIA

A questão da história em Merleau-Ponty está por ele desenvolvida em textos bem conhecidos, muitos deles aqui já mencionados<sup>4</sup>, e foi tratada por comentadores<sup>5</sup>. Sem desprezar esta indispensável bibliografia, tomarei a liberdade de privilegiar o recurso a textos de Merleau-Ponty de mais recente publicação, alguns deles até então inéditos, dos quais destaco: *Parcours deux* (2000)<sup>6</sup> e *Causeries* (2002)<sup>7</sup>.

Em 1956 Merleau-Ponty editou a obra coletiva intitulada *Les Philosophes célèbres*, cuja introdução ele escrevera (sob o título “Partout et nulle part”, foi incluída em *Signes*, 1960, p.158-200). Ora, algumas passagens que haviam sido excluídas desta introdução permaneceram inéditas até sua publicação, em 2000, no volume *Parcours deux* (cf., p. 201, nota 10). Entre elas, o pequeno texto intitulado “La Découverte de l’histoire” (p. 205-208). Curto, nas suas poucas páginas encontramos uma densa síntese do pensamento merleau-pontyano acerca da história e das conexões entre as atividades do filósofo e

4 Para lembrar alguns: “Le Métaphysique dans l’homme”(em *Sens et Non-Sens*, 1965) ; *Les Sciences de l’homme et la sociologie* (em *Parcours II*, 2000) ; “Le Philosophe et la sociologie” (em *Signes*, 1960); “De Mauss à Claude Lévi-Strauss” (em *Signes*, 1960). Acrescente-se a aula inaugural no *Collège de France*, *Éloge de la philosophie* (em *Éloge de la philosophie et autres essais*, 1953).

5 Para indicar alguns entre os brasileiros: M. Chauí (2002); C. A. Ribeiro de Moura (2001); L. Damon Santos Moutinho (2006).

6 Este livro faz parte da publicação de um conjunto de textos até então dispersos, reunidos em 4 volumes, 35 anos após a morte do autor (Cf. “Note introductive” de Jacques Prunair, em *Parcours -1935-1951*).

7 Este livre reúne uma série de comunicações radiofônicas pronunciadas em 1948.

as do historiador. Pode-se dizer que ali estão condensados os principais aspectos do tratamento que o filósofo confere a este tema quando o aborda em escritos mais longos e desenvolvidos. Selecciono e esquematizo alguns destes aspectos, atribuindo-lhes algumas denominações.

## AS CIRCULARIDADES DA HISTÓRIA

Há distinção e, ao mesmo tempo, associação inseparável entre o *conceito* de história e a *realidade* histórica; ou, se quisermos, entre a “*consciência da história*” e a “*história-realidade*”; entre *conhecimento* e *experiência* da história; entre a história como *nome* e como *essência* e a história como *coisa* e como *fato*.

A história é aqui um caso particular de um campo mais geral, aquele onde Merleau-Ponty põe em comunicação pares fundamentais que a tradição isolara e que podem ser formulados sob diferentes nomes: o factual e o conceitual, o empírico e o transcendental, o particular e o universal, o dado e a significação, o acontecimento e a estrutura, a contingência e a racionalidade, o fora e o dentro, o mundo e a consciência, o exterior e o interior, a multiplicidade e a unidade, o saber positivo e a reflexão filosófica, etc.

As sete *Conversas* radiofônicas, de 1948, destinadas a um público não especializado, são, de ponta a ponta, permeadas pelo estabelecimento de relações semelhantes apresentadas sob diferentes nomenclaturas: a experiência vivida e o conhecimento; o concreto e o sensível; a experiência perceptiva (espaço sensível do coração) e a visão representativa (que suprime “vibração e vida”); os olhos da percepção e a reflexão; a palavra razão e o exercício da razão, etc. É este âmbito mais amplo que também ali está sugerido no uso da noção de “significação afetiva” ou “significação emocional”. É a ele que remetem, igualmente, as noções de “alargamento da razão ou da racionalidade” e de “experiência alargada” usadas, por exemplo, no ensaio “De Mauss à Claude Lévi-Strauss” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 145; 150-151; 154)<sup>8</sup>.

Estas correlações fundamentam e requerem o encontro necessário entre a filosofia e o saber científico já que uma e outro nascem no solo da mesma experiência e são construídos pela mesma razão. Entende-se assim que, de um lado, haja um “sentido filosófico” latente nas atividades do historiador

8 A expressão é retomada por M. Chauí na primeira frase do texto “A noção de estrutura em Merleau-Ponty” (em *Experiência do pensamento*, 2002, p. 197).

como do sociólogo, do lingüista como do psicólogo. E, de outro, que a filosofia não se defina por um objeto ou um domínio que lhe seja próprio: “como a sociologia, ela fala apenas do mundo, dos homens e do espírito”, distinguindo-se “por um certo *modo* da consciência que temos dos outros, da natureza ou de nós mesmos”; este *modo* é aquele que assume a natureza, os outros e nós mesmos não como assunto de “objetividade que é secundária”, mas na experiência originária, vivida, da natureza, de nós mesmos e dos outros e que é a origem de toda objetivação (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 138-139). Ou, mais sucintamente, transcrevendo uma passagem do filósofo:

Entre o conhecimento científico e o saber filosófico que o recoloca sempre na presença de sua tarefa, não pode haver rivalidade. Uma ciência sem filosofia não saberia, ao pé da letra, do que fala. Uma filosofia sem exploração metódica dos fenômenos chegaria apenas a verdades formais, isto é, a erros (MERLEAU-PONTY, 1965, p. 170-171).

Retomemos “a descoberta da história”. Situadas neste âmbito mais amplo, as relações entre a história e o conhecimento da história, provêm da mesma experiência da história como realidade, experiência que torna possíveis tanto a investigação do historiador quanto a reflexão filosófica sobre a história.

Os homens – escreve Merleau-Ponty – não *viveriam* uma história se alguém não tivesse um dia *falado* de história... E, no entanto, começamos a falar de história em um certo momento, em um certo contexto histórico. É na história-realidade que aparece um dia a consciência da história [...]. Uma realidade que é causa e efeito do conhecimento que dela temos: este círculo é a definição da história (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 205).

É este círculo – entre a experiência e o conhecimento, entre o sensível e o conceitual – que cumpre ao filósofo tematizar e ao historiador, investigar. Ele tem como correlato ou complemento necessário, a não-linearidade do tempo histórico e a não-univocidade de seu sentido ou, numa palavra, o que podemos chamar de *sinuosidades* da história.

## AS SINUOSIDADES DA HISTÓRIA

A apreensão da história – historiográfica ou filosófica – não é captação de um “novo objeto”, mas de uma “nova estrutura do tempo”; não o tempo objetivo ou tempo da natureza, mas o tempo em dimensão propriamente humana, tempo-próprio ou tempo-sujeito, que não sendo regido por uma “lógica do desenvolvimento” não é fatalmente progressivo (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 205-207). Ao contrário, esta dimensão do tempo instaura um campo onde há lugar para imprevistos e acasos. Assim sendo, a experiência do sentido histórico é ambígua e sua inteligibilidade é paradoxal.

A história-realidade faz sentido e é inteligível; é portanto, pensável e cognoscível. Seu sentido, porém configura-se “em meio” ao não-sentido, sua racionalidade “em meio” à desrazão. “O sentido histórico – afirma Merleau-Ponty na sua aula inaugural no *Collège de France* – é imanente ao acontecer inter-humano e frágil como ele. Mas, precisamente por isto, o acontecer assume o valor de uma gênese da razão” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 60). Isto significa que a história não é movida nem explicável por causalidades e finalidades pré-determinadas, não é resultado antecipadamente preparado pelo passado nem está previamente direcionada ao provir. É campo aberto cuja experiência e cujo conhecimento não nos instalam em um traçado, mas em uma “ambiência” a que Merleau-Ponty chama de “atmosfera da história” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 206). Esta “atmosfera” envolve os homens em uma espécie de “afinidade”: reconhecem-se uns aos outros, interessam-se uns pelos outros, nas suas semelhanças como nas suas diferenças, na sua simultaneidade como na sua sucessão, nos meandros e nos desvios, nas solidariedades e nas inquietações, na “desordem da história” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 208).

Novamente confirma-se o cruzamento entre as atividades do historiador e as do filósofo, que têm na mesma experiência o mesmo ponto de partida. O trabalho do historiador é um confronto de pontos de vista e “funda-se apenas no provável”; seu olhar – como de resto, o do sociólogo ou o do antropólogo – não é o de um “observador absoluto”, mas um olhar “perspectivo” (MERLEAU-PONTY, 1965, p. 160-162). O filósofo, igualmente, não pensa a história do alto de uma racionalidade soberana, pois agora, “a racionalidade passa do conceito para o centro da *práxis* inter-humana e certos fatos históricos assumem uma significação metafísica, neles vive a filosofia” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 60).

Estas poucas retomadas sobre o historiador e o filósofo nos convidam a olhar um pouco mais de perto o filósofo Merleau-Ponty.

## MERLEAU-PONTY FILÓSOFO

A história, o tempo-humano, não são apenas temas integrantes da filosofia de Merleau-Ponty. São como seixos, por assim dizer, com que esta filosofia é solidamente construída; estão presentes como partes internas da obra, mas também como vigas que sustentam sua edificação. Não é sem razão que Claude Imbert (2005) assim circunscreve o conjunto da obra de Merleau-Ponty: “Os problemas por ele tratados encadeiam-se em torno de uma modificação que afeta a própria noção de história” (IMBERT, 2005, p. 20)<sup>9</sup>. Assim, ao conjunto da obra ou, se quisermos, à concepção de filosofia de Merleau-Ponty, podemos encontrar características correlatas às que destacamos na concepção da história.

a) Às *circularidades da história* – enovelando realidade e conhecimento, o sensível e o conceitual, percepção e reflexão – corresponde uma *filosofia* que é, toda ela, *experiência e pensamento*, ou que melhor, que é, ela própria, “experiência fundamental do pensamento”<sup>10</sup>. Reconstituo algumas passagens de Imbert (2005, p. 45): “Pensar é também uma experimentação que nada funda nem nutre a ilusão de ser fundada”. E a seguir: “A filosofia está em comércio com outras *experiências fundamentais* do pensamento” (p. 46-47). Ela, “como toda outra atividade e todo outro saber não escapa de ser sua própria experimentação” (p. 49). Compreende-se, pois, que Merleau-Ponty a faça circular com as ciências, as ciências humanas em particular, com as artes, a literatura e a pintura em particular.

b) Porque *experiência*, a sempre fazer-se, a filosofia é *invenção e incompletude*. Este é o correlato geral daquilo que, no caso particular da história denominávamos de *sinuosidades*. “Incessantemente mutante” (IMBERT, 2005 p. 48), a filosofia de e para Merleau-Ponty desenvolve-se como “movimento” que, “despreocupado com uma conclusão, não poderia ser outra coisa senão este próprio movimento”. “Conduzido como desafio”, requer “invenção de conceitos” (IMBERT, 2005, p. 17) e a “invenção conceitual”, por sua vez, “impõe outras maneiras de pensar e de dizer” (p. 19), exigindo invenção de linguagem. “A maneira filosófica de Merleau-Ponty – escreve Imbert – é inseparável de sua língua [...] Mais que um estilo, sua língua toma forma sob a exigência de produzir as fórmulas da existência à altura de uma ambição filosófica” (p. 57). A filosofia acaba por ser, conjuntamente, “maneiras de ser, de pensar e de dizer” (p. 59). Por isto mesmo, ler Merleau-Ponty “jamais é fácil”, afirma ainda Imbert (p. 17). Sua filosofia “afasta-se

9 Para tratar de *Merleau-Ponty filósofo*, escolhi priorizar o recurso a este recente texto. Assim, em clima de comemoração, presto homenagem a Claude Imbert, filósofa-leitora das obras, entre outras, de Lévy-Strauss e de Merleau-Ponty, professora na *École Normale Supérieure*, onde tive o privilégio de frequentar seus Seminários.

10 Cf. a leitura desta expressão em passagens especiais do texto de Imbert (2005, p. 45; 48-49; 66-67).

dos procedimentos filosóficos adquiridos” (p.66); sua obra consegue “desembaraçar a atividade filosófica de suas complacências pedagógicas e de suas devoções”, provocando “a conseqüente transformação das figuras normatizadas” desta atividade (p.17).

Seus textos têm tanto de insolência quanto têm de elegância e saber. Eles possuem uma maneira própria de conduzir o leitor lá onde ele se recusa a ir, de abandonar as *boas maneiras* da inteligência filosófica para aceder, se isto jamais for possível, a um real que sorrateiramente sempre se furta (IMBERT, 2005, p. 17).

Nesta filosofia inacabada, “o possível é uma das formas do atual, não seu contrário” (p. 66). Instaurando o possível, aberto à posteridade, “é incontestável que nada permanecerá intocado pelos efeitos, imediatos ou a longo prazo, dos escritos de Merleau-Ponty” (p. 72). Na via dos efeitos desta filosofia – repetimos aqui o que muitas vezes já se disse – Michel Foucault, seu aluno na *École Normale*, foi sem dúvida, uma das mais expressivas alternativas. Com ele, alargar-se-ão as questões das relações entre o leitor-historiador e o filósofo lido, de que falávamos inicialmente. Ele fará cruzar, não apenas as atividades do historiador da filosofia com as do filósofo, mas as do filósofo com o historiador simplesmente (o de outros objetos: a loucura, a medicina, as ciências humanas, as prisões, a sexualidade, etc.). A tal ponto que, no trabalho empreendido por Michel Foucault, diríamos que, parafraseando mais uma vez Merleau-Ponty, parece “impossível repartir a cada momento o que é de cada um” – o que é do historiador e o que é do filósofo – e demarcar, de um a outro, onde um termina e o outro começa. Mas isto é risco para outras traições.

## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

IMBERT, C. **Maurice Merleau-Ponty**. Paris: Ministère des Affaires Étrangères, Association pour la diffusion de la pensée française, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Causeries – 1948**. Paris: Seuil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ciências do homem e fenomenologia**. Tradução de S.Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Conversas - 1948**. Tradução de F. Landa e E. Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Éloge de la philosophie et autres essais**. Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. **Elogio da filosofia**. Tradução de A. Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães Editores.

\_\_\_\_\_. **“O Metafísico no homem”, “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”, “Em toda e em nenhuma parte”, “O filósofo e sua sombra”**. Tradução e notas de M. Chauí. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção “Os Pensadores”).

\_\_\_\_\_. **Parcours - 1935-1951**. Lagrasse: Verdier, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parcours - 1951-1961**. Lagrasse: Verdier, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sens et non-sens**. Paris: Nagel, 5.éd., 1965.

\_\_\_\_\_. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

\_\_\_\_\_. **Signos**. Tradução de M. Ermantina G.F. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MOURA, C. A. Ribeiro. **Racionalidade e crise**: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea. São Paulo: Discurso editorial/ editora da UFParaná, 2001.

MOUTINHO, L. D. dos Santos. **Razão e experiência**: ensaio sobre Merleau-Ponty. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2006.